RESENHA

SOCIEDADES, CONHECIMENTOS E COLONIALIDADE: OLHARES SOBRE A AMÉRICA LATINA¹

Maíra Baumgarten (Org.)

Marcelo Fetz²

No clássico A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais, Max Weber (2006) destaca o "dom da eterna juventude", ou seja, a "perpétua imaturidade" que atravessa o pensamento sociológico. É difícil não traçar paralelos entre a afirmação de Weber – ou conexões de sentido e afinidades eletivas, como preferiria o "sociólogo" alemão - e as conclusões de C. Wright Mills (1961) sobre a "imaginação sociológica" e as observações de Thomas S. Khun (1970) acerca da natureza "pré-paradigmática" das ciências sociais. O alvoroço criado por Karl Popper (1961) em seu critério de demarcação falibilista – e a dedução lógica de que as ciências sociais não seriam "ciências" propriamente ditas - seria respondido por meio de conceitos como o de "dupla-hermenêutica" de Anthony Giddens (1993) e "vigilância epistemológica" de Pierre Bourdieu (1999). Isso sem falar na crítica habermasiana que via no estilo de pensamento nomológico traços precisos de instrumentalidade (interesse técnico), diferentemente das ciências sociais, encarregada da promoção da ação comunicativa e do enraizamento do interesse emancipatório. Divago aqui com um único objetivo: dizer que as ciências sociais, de modo intencional ou não, direto ou indireto, sempre se preocuparam com o problema do conhecimento. A perpétua imaturidade que tanto aborreceu Popper e que tanto encantou Habermas (2014), portanto, sempre fez com que a sociologia tivesse um olhar perspectivo com relação ao fenômeno conhecimento – apesar dela mesmo integrar a galáxia científica. É neste sentido que a obra ora publicada e organizada por Maíra Baumgarten atualiza a brilhante imaturidade – e a eterna juventude – característica das ciências sociais: ao relacionar sociedade, conhecimento e colonialidade, os autores dos diferentes capítulos que compõem o

¹ Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, 244 páginas.

² Doutor em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP. Professor de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais – UFES. Endereço eletrônico: marcelo.fetz@ufes.br

livro abrem novas janelas ao pensamento crítico e arejam uma vez mais a dimensão epistemológica do pensamento científico moderno.

Sociedades, conhecimentos e colonialidade: olhares sobre a América Latina é uma obra que nasceu da tinta de muitas pessoas. Ela é fruto tanto das atividades desenvolvidas na série Cenários do Conhecimento promovida pelo Laboratório de Divulgação de Ciência, Tecnologia e Inovação Social (LaDCIS) do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGS-UFRGS) quanto dos fóruns acadêmicos realizados nos grupos de trabalho de Ciência, Tecnologia e Inovação da Associação Latino-Americana de Sociologia (coordenados por Maíra Baumgarten, Silvia Lago e Roberto Pineda Ibarra) e de Ciência, Tecnologia e Inovação Social da Sociedade Brasileira de Sociologia (coordenados por Fernanda Sobral, Maíra Baumgarten e Maria Lucia Maciel). Contudo, foi em um encontro preparatório para o congresso da Associação Latino Americana de Sociologia (Pré-ALAS) com o tema Sociedade, Conhecimentos e Colonialidade: Olhares sobre a América Latina, especialmente na atividade A sociologia no século XXI, evento comemorativo aos quarenta anos do PPGS-UFRGS, que a ideia do livro foi concebida. As constantes transformações observadas nas últimas décadas mundo afora - trabalho, conhecimento, tecnologia, geopolítica, entre outros – mereciam um olhar perspectivo latino americano. Com uma formação cultural baseada na assimetria sul-norte, os estudos sociais da ciência, tecnologia e inovação no contexto latinoamericano não poderiam deixar de considerar o substrato histórico-cultural da formação local e de suas implicações sobre os campos da ciência, da tecnologia, da inovação e da política científica-tecnológica local. O conceito de conhecimento situado, necessariamente, traduz-se na co-produção político-científica local-global do conhecimento. Pensar tais relações, assimetrias e contradições no contexto latino-americano, com destaque para o cenário brasileiro, foi o desafio assumido pelos 14 pesquisadores responsáveis pela redação dos 12 capítulos que integram o livro.

O livro é dividido em duas partes. Recebendo quatro contribuições, a primeira parte, intitulada *Desenvolvimento*, *colonialidade e as ciências sociais*, debate "questões relacionadas à problemática do desenvolvimento, da colonialidade e da produção sociológica atual frente à complexidade do mundo contemporâneo (Baumgarten, 2016: p. 14)". Paulo Henrique Martins, autor que abre o livro, analisa o retorno dos debates em torno do conceito de desenvolvimentismo após duas décadas de forte predominância de políticas neoliberais. De acordo com ele, 'os impactos da globalização econômica sobre as políticas de desenvolvimento

foram exagerados, contribuindo para mascarar os novos pactos de dominação nos planos nacional, regional e global (Martins, 2016: p. 23). No capítulo seguinte, Adelia Miglievich-Ribeiro examina as contradições e os dilemas presentes na "geopolítica do conhecimento e seu impacto na produção dos cânones que tendem a ocultar sua própria condição de conhecimento localizado (Miglievich-Ribeiro, 2016: p. 43)". Conforme observa a autora, "pensar a razão póscolonial é apostar nas leituras alternativas acerca das dinâmicas históricas e das elaborações culturais na constituição das sociedades bem como de seus discursos legitimadores (Idem: p. 42)". No capítulo são apresentadas diferentes linhagens da razão pós-colonial, seus limites e possibilidades. No terceiro capítulo da primeira parte da obra, o conceito de desenvolvimento volta a ser abordado por Anete B. L. Ivo com o objetivo de traçar um exame teórico da questão e um mapeamento do campo. O argumento apresentado é fortemente permeado pela ideia de co-produção, sobretudo quando a relação entre desenvolvimento e ciência é fundamentada na dialética entre o local e global responsável por estabelecer relações paradoxais entre poder e saber e entre ciência e política, que acompanham a reflexão sociológica sobre o desenvolvimento, como partes integrantes de um movimento de hegemonia e contra hegemonia (Ivo, 2016: p. 65). No quarto e último capítulo desta primeira parte, Marcelo Arnold-Cathalifaud e Hugo Cadenas refletem sobre os diferentes cenários postos à sociologia latinoamericana. No melhor espírito "eterna juventude", os dois autores discorrem sobre os desafios e oportunidades da constante quebra da segurança ontológica local: a globalização midiática, as novas crises econômicas e políticas, os movimentos sociais com renovado ímpeto, os problemas ambientais, a indignação frente às desigualdades sociais e uma frustrada modernização. Com múltiplas historiografias, o desafio seria pensar as ciências sociais em contextos ricos em diversidade e diferença, seus obstáculos e virtudes.

Se a primeira parte da obra foi dedicada ao exame de questões de fundamentação teórica — desenvolvimento, colonialidade e desafios à produção sociológica latino-americana — a segunda parte, denominada "Produzir conhecimentos na América Latina: políticas, democracia, inclusão", é totalmente dedicada ao problema da produção de conhecimentos na América Latina: dificuldades encontradas, políticas de produção, avaliação, divulgação e inclusão são os principais temas abordados. A condição periférica, as necessidades concretas (o que e como produzir neste cenário de assimetria geopolítica) e o uso social dos conhecimentos produzidos são questões igualmente tratadas nos sete artigos que compõem a segunda parte da obra. Fernanda A. da F. Sobral abre a segunda parte com um capítulo que examina as dimensões econômico-sociais da atual política de ciência, tecnologia e inovação. O

objetivo do estudo é compreender de que forma os temas da globalização, da democratização, da revolução dos meios de comunicação e informação e sustentabilidade ambiental criam novas tendências de fomento à produção do conhecimento (internacionalização, interdisciplinaridade, aplicabilidade e interação com a sociedade). O capítulo ainda apresenta uma interessante análise da Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação elaborada no período entre 2012 e 2015, seus resultados, dificuldades e tendências, especialmente a predominância da fundamentação econômica das atividades ocorridas no Brasil vis à vis às necessidades democráticas e globalizadas sintetizadas nas dimensões sociais da produção de ciência, tecnologia e inovação.

Fabrício Monteiro Neves aborda a construção dos contextos de verdade. Com base nos Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia, o capítulo de Neves se concentra sobre o sistema biotecnológico e as diferenças de legitimação e de circulação do conhecimento científico entre contextos periféricos e centrais no sistema global de ciência e tecnologia. Conforme destacado pelo autor, busca-se "aí encontrar a dinâmica na qual a diferenca centro/periferia se inscreve como valor e, portanto, torna-se expectativa e prática, determinando o conteúdo do conhecimento, atribuindo consequentemente valor incremental, local, periférico à produção cognitiva (neves, 2016: p. 132)". O sétimo capítulo da obra é de autoria de Maíra Baumgarten e trata dos dilemas da internacionalização da ciência. Maíra observa que a internacionalização "vem sendo vista nas universidades, instituições de gestão e fomento à pesquisa e em diversas outras instâncias sociais como necessária e até imprescindível para o desenvolvimento da ciência e do próprio país (Baumgarten, 2016a: p. 151)". O estudo apresentado neste capítulo trata especialmente do sistema brasileiro de publicação científica, concentrando-se, sobretudo, na cobrança cada vez maior do uso da língua inglesa como forma de comunicação científica. Se por um lado o uso do inglês aumenta o alcance das redes sociais nas quais os cientistas estão inseridos, o que permite atingir um público global muito maior que o local, por outro lado o english turn da ciência brasileira pode, entre outros problemas, acarretar em uma maior elitização do fazer científico e em uma maior dominação cultural, fazendo do português, seus símbolos e formas comunicativas, uma língua científica de "segunda categoria".

Silvia Lago Martínez, no oitavo capítulo da coletânea, examina o desafio da democratização do acesso à ciência, tecnologia e inovação no contexto latino americano. Martínez observa que a expansão dos sistemas de ciência e tecnologia nas últimas décadas foi acompanhada pelo aumento de demanda social para a criação de políticas em C e T. Embora o

Estado seja o principal financiador do sistema de C e T nos países latino americanos, o acesso à informação é prejudicado em função da propriedade da informação, que é legalmente monopolista dentro do marco jurídico vigente. Nesse cenário, a capacidade da C e T de promoverem mudanças sociais, aumento na circulação de informações, maior distribuição e facilitação de acesso à produção científica com gestão participativa de políticas públicas neste campo, o que se verifica é o exato oposto: o descumprimento da função social da ciência e da tecnologia. No capítulo seguinte, Michelangelo Giotto Santoro Trigueiro aprofunda ainda mais este debate ao examinar os desafios e oportunidades das universidades em um momento histórico caracterizado pelo forte desenvolvimento científico-tecnológico e inovativo em ambientes crescentemente democráticos. O autor destaca a necessidade de se pensar criticamente as especificidades e singularidades latino-americanas, tema este tão aventado e comum no pensamento social brasileiro, sem, no entanto, cair nas fórmulas e receitas prontas para o desenvolvimento tecnocientífico. A principal contribuição do capítulo é de fato propor uma análise concentrada nos temas da diversidade e diferença "sem se descuidar de considerar o processo de geração de ciência, tecnologia e inovação em termos globais (Trigueiro, 2016: p. 188)".

O penúltimo capítulo da obra examina as unidades produtivas de inovação e produção tecnocientíficas bem como suas formas de organização e regulamentação. Hernán Thomas e Lucas Becerra analisam criticamente uma das principais premissas da teoria da inovação: para os autores, competição nem sempre é sinônimo de criação e nem sempre empresas maximizadoras de lucro são as mais eficientes para a produção de ciência, tecnologia e inovação. Diferentemente, o argumento defendido no capítulo sustenta que uma mudança na direção das "cooperativas de trabalho pode ativar um conjunto de dinâmicas de aprendizagem, circulação de conhecimentos e geração de capacidades técnico-produtivas que revertem em processos mais democráticos de apropriação do conhecimento e de geração de valor agregado (Thomas e Becerra, 2016: p. 2006)". O capítulo escrito por Maria da Glória Gohn fecha o livro com um debate extremamente importante: o papel dos movimentos sociais na promoção de sistemas de inovação tecnocientífica justos e igualitários. Com um estudo sobre os movimentos sociais ocorridos nas décadas de 60, 70 e 80, Gohn busca entender as especificidades dos movimentos sociais latino-americanos por meio de comparações sul-norte, os motivos do uso de referenciais teóricos advindos do Norte e se de fato seria possível falar sobre uma teoria dos movimentos sociais do Sul. Este importante debate fecha o livro de maneira muito frutífera.

O livro Sociedades, conhecimentos e colonialidade: olhares sobre a América Latina preenche uma lacuna importante no campo dos estudos sociais da ciência, tecnologia e inovação latino americano. Pensar os vetores locais do desenvolvimento científico e tecnológico é fundamental para que um diagnóstico adequado do atual cenário seja realizado. A obra não estabelece comparações lineares entre casos que não possuem vinculo algum e nem reifica o mito da singularidade nacional (ou singularidade latino-americana). Quando comparações são realizadas, por sua vez, elas sempre seguem um protocolo suficientemente crítico para que o bom pensamento prevaleça. Esforços semelhantes de pesquisa estão sendo feitos em outros locais do globo. Cito como exemplo as belíssimas obras de Clapperton Chakanetsa Mayhunga (2014; 2017) sobre ciência, tecnologia e inovação no continente africano. Por fim, o livro organizado por Maíra Baumgarten é imaginação sociológica da melhor qualidade e renova a "perpétua imaturidade" que nos dá o "dom da eterna juventude". Em se tratando de estudos sobre ciência, tecnologia e inovação no contexto brasileiro e latino americano em geral, tais qualificativos sociológicos fazem do livro uma obra que necessariamente deve ser lida e levada em consideração por jovens cientistas sociais e por cientistas sociais que buscam pela juventude de pensamento perdida.

Referências

- BAUMGARTEN, Maíra (Org.) (2016). *Sociedades, conhecimentos e colonialidade*: olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- ______. (2016a). "Fazer ciência na periferia: internacionalizar é preciso?" In. BAUMGARTEN, Maíra (Org.). *Sociedades, conhecimentos e colonialidade*: olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean Claude; PASSERON, Jean Claude. (1999). *A profissão do sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis: Vozes.
- GIDDENS, Anthony. (1993). New rules of sociological method. London: Polity Press.
- HABERMAS, Jurgen. (2014). *Técnica e ciência como "ideologia"*. São Paulo, SP: Editora UNESP.
- IVO, Anete B. L. (2016). "A sociologia como política: a "Sociologia do Desenvolvimento" e a produção sociológica contemporânea. In. BAUMGARTEN, Maíra (Org.). Sociedades, conhecimentos e colonialidade: olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- POPPER, Karl R. (1961). The logic of scientific discover. New York, NY: Science.

- KUHN, Thomas S. (1970). The structure of scientific revolution. Univ. of Chicago, Chicago,
- MARTINS, Paulo Henrique. (2016). "O (des) encanto do desenvolvimento latino-americano na sociedade global". In. BAUMGARTEN, Maíra (Org.). *Sociedades, conhecimentos e colonialidade*: olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- MAVHUNGA, Clapperton Chakanetsa (Ed.). (2017). What Do Science, Technology, and Innovation Mean from Africa? Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- _____. (2014). *Transient Workspaces*: technologies of everyday innovation in Zimbabwe. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia (2016). "Linhagens pós-coloniais e a possibilidade de ampliação do conhecimento: um debate epistemológico'. In. BAUMGARTEN, Maíra (Org.). Sociedades, conhecimentos e colonialidade: olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- MILLS, C. Wright. (1961). The sociological imagination. New York, NY: Grove.
- NEVES, Fabrício Monteiro. (2016). "A contextualização da verdade ou como a ciência tornase periférica". In. BAUMGARTEN, Maíra (Org.). *Sociedades, conhecimentos e colonialidade*: olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- THOMAS, Hernán e BECERRA, Lucas. (2016). "Inovação, cooperativismo e desenvolvimento inclusivo: repensar a mudança tecnológica e a inclusão social". In. BAUMGARTEN, Maíra (Org.). *Sociedades, conhecimentos e colonialidade*: olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- TRIGUEIRO, Michelangelo Giotto Santoro. (2016). "Ciência, tecnologia, inovação e a universidade em ambientes democráticos". In. BAUMGARTEN, Maíra (Org.). *Sociedades, conhecimentos e colonialidade*: olhares sobre a América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- WEBER, Max. (2006). A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais. São Paulo, Ática.

Recebido em: 11/08/2017, Aceito em: 20/08/2017,